

# Circo e sociabilidade em São Paulo

Walter de Sousa Junior

*Pós-doutorando em Ciências da Comunicação na ECA/USP e pesquisador do OBCOM – Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura da Universidade de São Paulo.*

*E-mail: waltersousajr@hotmail.com*

**Resumo:** Janete Souza Oliveira cresceu ouvindo dos pais as histórias do Circo Piolin, instalado na Praça Marechal Deodoro, em São Paulo, desde 1943. E percebeu o quanto isso foi determinante para que ela, empregada doméstica, e ele, motorista, pudessem ter uma sociabilidade fora das longas jornadas de trabalho a que se dedicavam em casas de famílias abastadas da região de Higienópolis. Neste depoimento, esta “quase socióloga”, como se define, que abandonou o curso da Escola Livre de Sociologia e Política para morar na África, onde passou oito anos de sua vida, filha de dona Gersira e do senhor Joaquim Adão, lembra a importância do circo e das comédias na vida social das classes menos privilegiadas da capital paulista.

**Palavras-chave:** Circo; sociabilidade; humor; Piolin; Higienópolis.

**Abstract:** Janete Souza Oliveira grew up listening to her parents' stories of Piolin Circus, located at Marechal Deodoro Square in São Paulo since 1943. And she realized how crucial it was for her parents, who were maid and driver, to have a social life outside the long working hours they dedicated in homes of wealthy families from Higienópolis. In this testimony, Janete, “almost a sociologist,” as she defines herself, who abandoned the course of Free School of Sociology and Politics to live in Africa, where she spent eight years, the daughter of Mrs. Gersira and Mr. Joaquim Adão remembers the importance of the circus and of the comedy in the social life of the less privileged classes from São Paulo.

**Keywords:** Circus; sociability; humor; Piolin; Higienópolis.

Nas décadas de 1930, 1940, 1950, minha mãe era babá em São Paulo. Ela me contava que as empregadas domésticas, nos finais de semana, se reuniam na Praça Villaboim e na Praça Buenos Aires, em Higienópolis, para combinar onde iriam e o que fariam no final de semana, qual seria o seu lazer. Geralmente, assistiam aos filmes de Mazaropi, Oscarito, Grande Otelo, ou iam aos circos. Os cinemas eram sempre os do centro da cidade, Comodoro, Marabá. Ela falava que tinha a sessão de gala e a sessão mais popular, que era a que elas frequentavam.

Mas o circo era a opção mais corriqueira. Porque era barato e porque era onde elas podiam se expressar... O circo tem essa magia, você pode expressar o seu sentimento. Você grita, chora, ri, participa junto com a cena. Então isso, para ela, era uma válvula de escape. Minha mãe falava que era um mundo “mágico e de sonhos”.

Bom, normalmente elas moravam no trabalho. E não tinham uma casa para ir aos finais de semana, pois os familiares moravam no interior. Ela trabalhava aqui em São Paulo, na rua Bahia, em casa de família. Era babá, e os familiares dela moravam no interior. Depois, quando veio um irmão para cá, ele alugou uma casa no Bixiga, onde as irmãs se reuniam com as primas. Todas trabalhavam sempre como empregadas domésticas.



Circo Piolin instalado na av. Gen. Olímpio da Silveira, na zona Oeste de São Paulo, que recebeu em suas sessões a população de empregados das casas de família de Higienópolis, nas décadas de 1940 e 1950.

O divertido, minha mãe contava, eram os grupos que iam para o circo para assistir àquela magia toda acontecer. E ela falava muito do Piolin. E o Piolin era, para ela, o maior humorista! Ela falava dele já rindo. Eu perguntava: “Por que a senhora está rindo?”. “Ah, é porque estou me lembrando das palhaçadas dele”, respondia. Foi assim que eu tive contato com o Piolin, através dos casos contados pela minha mãe.

As famílias, naquela época, eram bem tradicionais e tinham todas, em suas casas, motorista, cozinheira, copeira, babá, passadeira. As lavadeiras geralmente vinham dos bairros da periferia, pegavam as roupas e depois entregavam.

A minha mãe conheceu o meu pai, ele era motorista de uma família na rua Piauí, e ela babá e morava na rua Bahia. O bairro de Higienópolis tinha esse contraste. Os nomes das ruas eram os de estados do Nordeste e as famílias eram riquíssimas...

Naquela época os senhores do café mantinham lá as suas mansões. Eles tinham suas fazendas de café e geralmente traziam seus funcionários dessas fazendas. Foi o caso da minha mãe. Ela foi trazida por essa família aos 8 anos de idade, da região de Bauru. Ela perdeu os pais, e eram sete irmãos, que

foram divididos pelas famílias tradicionais da região. Ela veio com a família Guimarães para trabalhar como babá. Era uma criança cuidando de outras crianças. Eles foram pessoas muito sensíveis, que eu respeito demais. Eu nasci no meio dessa família, porque minha mãe passou de babá para cozinheira e, depois, governanta. Ela trabalhou durante quarenta anos com eles. E depois disso continuava dando “assessoria” para essa família. Digo assessoria porque ela cozinhava muito bem, e era sempre chamada quando havia banquetes e festas. Ela casou com meu pai, e eles continuaram trabalhando com essa família, só que daí ele foi trabalhar numa das firmas, passando de motorista particular para motorista de diretoria.

Moramos uma época em Guarulhos. Meu pai tinha um caminhãozinho e vínhamos todo dia para São Paulo. Isso ficou bem marcado na minha memória; eu estava com 6, 7 anos. Com 8 anos nós mudamos definitivamente para São Paulo e fomos morar na casa dos Guimarães. Eles fizeram uma casa nos fundos, aí já no Jardim América. Fiquei até os 14 anos morando com essa família, mas eu não trabalhava. Fiquei no colégio interno, dos 8 até os 12 anos. Eu voltava nos finais de semana e, assim, foi a minha vida até o começo da minha adolescência. Aí depois o meu pai comprou um imóvel em São Paulo, na Lapa. Isso em 1975. Na época as pessoas casavam cedo. A minha mãe não, casou já com 37 anos. Quando eu nasci ela já estava com 40, e o meu pai estava com uns 44. Morávamos perto da linha de trem, na Lapa de baixo.



Fonte: Acervo do Centro de Memória do Circo.

Piolin na peça “Que rei sou eu?”, de Olindo Dias Corleto, encenada na década de 1940. O ponto alto do espetáculo ficava para a segunda parte: a encenação de comédias em que o palhaço fazia o papel principal.

## CIRCO, LUGAR DE NAMORAR

Saíram muitos casamentos no circo. O da minha mãe foi um. Porque era um lugar aberto; pois na época vigorava outro tipo de educação. Não podia pegar na mão, essas coisas. E o circo deixava tudo mais descontraído. Acho que

isso favorecia os encontros. Elas não tinham uma casa, não tinham um lugar para poder apresentar os namorados. O circo favoreceu então vários casamentos entre essas pessoas que saíam juntas.

E o ambiente do circo, que era um ambiente alegre, favorecia as pessoas a quebrarem um pouco a barreira da timidez, aquela coisa toda. Meus pais ficaram casados por 32 anos, até 1989, quando meu pai faleceu. Ele era uma pessoa muito divertida, gostava de contar piada, estava sempre sorrindo, sempre reunindo a família. Acho que porque eles não tiveram a família perto, então queriam sempre estar com a família reunida.

Eles me levavam muito ao circo – Orlando Orfei, Vostok, Garcia, Circo de Madrid, que lembro de ser armado na Penha. O último foi o Circo de Cuba, na Avenida Politécnica. No Glicério vi o Parque Xangai, que era um parque de diversões que também tinha sua lona, o seu picadeiro.

Os africanos chamam de “griot”. Minha mãe fazia questão de contar as histórias do circo, repetir, falar. Acho isso bonito no pessoal da outra geração. Eles saíam de lá e continuavam sonhando. Chegavam em casa sonhando. Ela dizia que o circo fazia sonhar.

Apesar de os patrões serem maravilhosos, a vida era dura, porque não estavam junto com os parentes... Então acho que ela se desligava e sonhava. E esse sonho ela passou para nós. Digo nós, porque a minha casa, apesar de eu ser filha única, estava sempre cheia de parentes. Nós falávamos que era a casa do migrante. A pessoa vinha para São Paulo e ficava na minha casa. Mesmo quando morávamos no emprego da minha mãe, eles também vinham. E ficavam lá! Muitas tias minhas passaram por lá. Todas como arrumadeira, copeira ou cozinheira. Elas estudavam à noite.

Minha mãe se formou no primário com 50 anos. Pegou o diploma toda orgulhosa. Ia fazer Madureza, mas depois desistiu. O meu pai era autodidata, lia muito. Foi motorista e teve uma época em que fazia carreto. Foi também motorista de táxi, trabalhando nos finais de semana. Mas sempre foi fiel às duas famílias. Mudava só os nomes das empresas, mas ele continuava com as famílias.

Meu pai era uma pessoa que admiro muito, porque era autodidata, era curioso, queria saber as coisas; ele passou um pouco disso para mim. Com o bom humor dele... Tive um palhaço dentro de casa! Para ele não tinha dia ruim. O dia poderia ter sido o pior de todos, mas ele sempre tirava uma piada... O nosso palhaço. A família também o considerava dessa forma. Eles foram muito solidários.

Na nossa casa, apesar de termos televisão, conversávamos muito. Uma coisa que se perdeu um pouco agora: sentar à mesa para conversar. E os familiares que vinham do interior para São Paulo ficavam em casa e entravam no ritmo. Ficavam sempre muito otimistas.

## MAGIA E MISTÉRIO

Um espaço mágico e, por ser itinerante, que trazia um que de mistério. Essa é uma interpretação minha. Pelos relatos dos parentes do interior, quando

chegava um circo na cidade, todo mundo ficava contente de ir, mas sempre com um pé atrás. Isso porque sempre alguém da cidade ia junto com o circo. Ele tinha essa coisa de mistério, que alimenta até hoje a fama de encantar. Encantava de uma forma que parecia o mágico da flauta. Encantava crianças, jovens donzelas, também reprimidas em suas cidadezinhas, e que viam aquela liberdade que as encantava muito e acabavam levando-as a acompanhar o circo.

Falavam que o circo em cidade pequena servia para roubar criança, uma crença que surgiu com os ciganos. Mas eles saíam porque queriam desbravar; aquele mundinho ali deles era pouco.



Fonte: Acervo do Centro de Memória do Circo.

As comédias de Piolin atraíam o grande público ao seu circo. Entre 1925 e 1961 ele encenou por volta de 450 peças, a maior parte delas comédias de picadeiro.

Minha mãe contava que no interior nenhuma criança ia desacompanhada ao circo, porque ficava com medo das mágicas que faziam desaparecer...

Eu cursei até o terceiro ano de Sociologia e Política, mas não me formei. O coração falou mais alto e me casei. Formei-me no colegial. Quando comecei a namorar, ainda nem tinha terminado o colegial.

A faculdade, que eu amava, ainda penso em terminar. Gostava muito da área de pesquisa, antropologia, e aí fiz três anos, mas me casei e tive de acompanhar meu esposo; saí do Brasil.

Morei na África por oito anos, em Guiné Bissau e no Senegal. Foi uma experiência que, se eu tivesse terminado o curso...

Fiz o curso na Escola de Sociologia e Política, na FESP, na turma de 1981 a 1984. Viajei antes de terminar, depois tranquei, voltei e fiz mais um ano. Foi “picadinho”, e eu poderia ter terminado. Tinha até tema para fazer trabalho de conclusão. Mas não terminei. Sou uma quase socióloga, portanto.

## ÁFRICA: FUNÇÃO SOCIAL DO HUMOR

Teve uma passagem interessante vivida em África. Eram grupos nômades, que vão passando nas casas de tempos em tempos, geralmente depois de um “fanado”, que é a circuncisão, masculina ou feminina. Eles vão fazer palhaçadas nas portas das casas. Você saía para ver, e eles pediam alguma coisa após a apresentação.

A primeira vez que foram a minha casa, eu não sabia o que aquele grupo estava fazendo lá, tocando instrumentos e com os rostos pintados. Eles se

paramentavam com peles de animais, e ficavam fazendo a sua apresentação. Vi e fechei a porta. Mas não era para fechar a porta. Era para dar alguma coisa para eles. Dali a pouco bateram na minha porta.

São grupos formados por jovens, na faixa dos 25, 30 anos. Os que tocam os instrumentos são os mais velhos, sempre com o rosto pintado. O Congurão é uma das representações. Parece um orixá. Eles usam muito guizo, palha. Lembra o orixá Obaluaê. Sempre com o rosto coberto de palha. Ele vinha à frente e era o que dançava mais. Mas tinha os outros, que faziam piruetas. Esses grupos atuavam não só em Guiné, mas no Senegal também, em vários grupos étnicos, com dialetos diferentes. Sempre há, portanto, um grupo com o papel de alegrar.

#### PIOLIN, PALHAÇO DOS INTELECTUAIS E DO GRANDE PÚBLICO

Parte dos pesquisadores reconhece Abelardo Pinto Piolin (1887-1973) como o palhaço que encantou os intelectuais da Semana de 22, entre eles Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Menotti del Picchia e Anita Malfati, que frequentaram o Circo Alcebíades, instalado no Largo do Paissandu, centro de São Paulo, na década de 1920.

Antonio de Alcântara Machado, em diversos artigos publicados à época, viu no personagem excêntrico a essência de um teatro genuinamente brasileiro, isento de influências estrangeiras. Mas, passada a euforia modernista, Piolin continuou sua trajetória circense por muitos anos.

Depois de uma temporada no Teatro Boa Vista, no centro paulistano, ao lado do cômico de origem italiana Tom Bill, montou um circo próprio, com seu nome, estreando em 1933. Circulou pelos bairros operários da cidade até 1943, quando se fixou na Praça Marechal Deodoro, zona oeste. Dali, em 1949, se mudou para a avenida General Olímpio da Silveira, onde permaneceu até 1961, quando foi despejado pela prefeitura, pois o terreno era público.

Nessa longa temporada, atraiu um público fiel e disposto a acompanhar suas diatribes no picadeiro. Pouco antes de morrer, em 1972, teve seu circo montado debaixo do vão do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP), numa homenagem ao cinquentenário da Semana de 22.

O Arquivo Miroel Silveira, da ECA/USP, que guarda os processos de censura da antiga Divisão de Diversões Públicas de São Paulo, registra 450 peças, na grande maioria comédias, encenadas por Piolin, sendo 80 delas assinadas pelo palhaço como autor.